



DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/relaec.35057>

IMPACTOS QUE UMA CRIANÇA SURDA PODE TRAZER À FAMÍLIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ATRAVÉS DOS ESTÁGIOS DE PIAGET NO CONTEXTO APRENDIZ SURDO

IMPACTS THAT A DEAF CHILD CAN BRING TO THE FAMILY: A THEORETICAL APPROACH THROUGH THE STAGES OF PIAGET IN THE DEAF LEARNER CONTEXT

Marcos Moraes Guimarães (Universidade Federal de Rio Grande)

RESUMO: O presente artigo baseia-se nos estágios de Piaget contextualizando o aprendiz surdo. Este trabalho objetiva analisar o processo de aquisição da Língua de Sinais (LIBRAS) pelo bebê surdo, essa pesquisa considerando os Estágios de Piaget para criança surda, em especial, o aprendiz bebê surdo e a qualidade da interação de díades de mães ouvintes e filhos surdos. Para Piaget, o indivíduo (a criança) aprende construindo e reconstruindo o seu pensamento, através da assimilação e acomodação das suas estruturas. Esta construção do pensamento, Piaget chamou de estágios: Estágio sensório – motor, Estágio Simbólico e Estágio Conceptual. A entrevista foi realizada com as Díades Mães ouvintes ou surdas e filhos surdos interagindo em três situações de comunicação.

Palavras-chave: Bebê surdo; Aquisição da língua; Díades; Língua de Sinais - Libras.

ABSTRACT: The present article is based on Piaget's internships contextualizing the deaf learner. This work aims to analyze the process of acquisition of Sign Language (LIBRAS) by the deaf baby, this research considering Piaget's Stages for deaf children, in particular, the deaf baby apprentice and the quality of the interaction of dyads of hearing mothers and deaf children. For Piaget, the individual (the child) learns by building and reconstructing his thinking, through the assimilation and accommodation of his structures. This construction of thought, Piaget called stages: sensorimotor stage, symbolic stage and conceptual stage. The interview was conducted with the hearing and hearing deaf mothers and deaf children interacting in three communication situations.

Keywords: Deaf baby; Language acquisition; Dyad; Sign Language - Libras.

Introdução e Justificativas

O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas. (Piaget, 2015)

Este trabalho foi realizado a partir de reflexões que surgiram na disciplina da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, ofertada ao Curso de Pós-Graduação em LIBRAS EAD, Faculdade de Administração, Ciências e Educação – FAMART.

O desenvolvimento mental do ser humano está intimamente ligado ao uso da linguagem (Vygotsky, 2008). Quando relaciona-se o uso da linguagem ao aprendiz surdo, comumente, muitos membros da comunidade escolar incluindo professores e alunos não entendem ou desconhecem o assunto. De fato, existem diversos preconceitos relacionados à pessoa surda Witkoski (2009) discute a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. A autora entende o quanto ambos legitimam uma série de práticas oralistas, afetando de forma pejorativa a construção da identidade do “ser surdo” e seu direito a uma comunicação e formação significativa.

Ao longo das discussões sobre Piaget (2007), particularmente sobre os estágios de desenvolvimento do aprendiz, surgiu a necessidade e a curiosidade de transpor este estudo para o contexto do aprendiz surdo e da sua família. Assim, surge as seguintes questões: Como é o contexto familiar de uma criança surda com pais ouvintes? Quais são os principais impactos que a surdez de uma criança pode acarretar em uma família de ouvintes?

Em busca de possíveis respostas para as questões apresentadas, este artigo tem o

objetivo de propor uma investigação a respeito de como os pais lidam com uma criança surda, principalmente no contexto comunicativo.

O método utilizado para a elaboração deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativa a qual, segundo Gil (2004) e André (1998) é executada a partir de referências teóricas anteriormente analisadas, as quais foram publicadas através de páginas da web, livros e artigos científicos. Na primeira fase da pesquisa foi realizada o embasamento teórico por meio principalmente da relação dos estágios de Piaget no contexto do aprendiz surdo e de algumas abordagens de línguas de sinais para bebês surdos. Na segunda fase realizou-se a pesquisa qualitativa com diversos pais de bebês surdos com o auxílio de um questionário.

Equilibração Cognitiva, Linguagem E Surdez

Para Piaget (2007), o desenvolvimento psíquico assemelha-se ao crescimento orgânico, e pode ser concebido como uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior, o chamado processo de *equilibração* das estruturas cognitivas do aprendiz.

Neste cenário evolucionista, a criança aprende construindo e reconstruindo o seu pensamento, através da *assimilação* e *acomodação* das novas informações que recebe do mundo exterior, levando a *equilibração das suas estruturas mentais*. Esta construção do pensamento, Piaget chamou de *estágios*: Estágio sensorio – motor, Estágio Simbólico e Estágio Conceptual, e o papel da linguagem é determinante neste processo. De fato, é a interiorização do diálogo e

comunicação exterior que leva o poderoso instrumento da linguagem a exercer influência sobre o fluxo do pensamento (Vygotsky, 2005, p. ix), e o pensamento gera mudanças conceituais, levando ao desenvolvimento cognitivo.

Moreira (2006, p. 115) nos explica que o desenvolvimento da linguagem no indivíduo se dá da fala social (linguagem como comunicação) para a fala egocêntrica (linguagem como mediadora de ações) e desta para a fala interna.

Como podemos perceber, o desenvolvimento da linguagem tanto da criança ouvinte como da criança surda depende das vivências sociais e das experiências comunicativas que lhes são proporcionadas. Em particular, a forma de linguagem que as crianças surdas adquirem é a língua de sinais que está à sua volta. Começam a produzir sinais, mais ou menos na mesma idade em que as crianças ouvintes começam a falar, e atravessam os mesmos estágios de desenvolvimento linguístico das línguas naturais.

As trocas de experiência e interações entre adulto e criança vão se modificando ao longo do desenvolvimento da criança surda, pois implicam em possibilidades e ajustes entre esses interlocutores. Diante das primeiras manifestações de comunicação da criança, denominada sinais sociais, o papel do adulto mediando às experiências do bebê, proporciona significado às suas intenções.

Da mesma forma que para uma criança ouvinte, o estabelecimento de práticas comunicativas com um adulto garante à criança surda o acesso ao uso da língua, de modo que, no período de 2 a 7 anos, a criança surda passa a usar, além do sinal social, o sinal egocêntrico, ao realizar e

organizar suas atividades, utilizando a princípio, o sinal dos adultos que começa a ser internalizado.

A criança exposta às interações sociais e isenta de comprometimentos sensoriais, neurológicos ou outros, passa a utilizar o sinal de forma cada vez mais complexa e autônoma, impulsionando o pensamento linguístico. Essa conquista, caracterizada como sinal interior, ocorre por volta dos 9 anos e permite à criança o uso cada vez mais constante daquilo que é essencialmente humano: Comunicação e pensamento linguístico.

Estudos recentes, baseados em pressupostos teóricos inaugurados por Vygotsky, buscam investigar detalhadamente como ocorrem os processos de interação social e de aquisição da linguagem em bebês e crianças. Na primeira fase do desenvolvimento da linguagem, período pré-linguístico, os bebês estabelecem suas primeiras interações sociais com quem cuida deles, às quais Tomasello (2003) denomina “protoconversas”. O bebê já identifica seu cuidador como um ser animado e concentra sua atenção face a face, envolvendo olhares, que retratam um comportamento diádico, em que a mãe dá significado às manifestações da criança.

No período de 9 a 12 meses de idade, ocorre o que Tomasello (1995) chama de revolução dos 9 meses, em que bebês começam a perceber as outras pessoas como agentes intencionais iguais a eles mesmos. Ocorre então, a evolução para um comportamento triádico, no qual as pessoas (mãe-criança; criança mais velha-criança mais nova) interagem, estando envolvidas com um mesmo objeto, prestando atenção tanto na atividade que compartilham, quanto

na atenção do outro para a atividade, o que caracteriza a emergência da cena de atenção conjunta.

Pela primeira vez, as crianças passam a ter capacidade de participar plenamente de uma coletividade cognitiva, fazendo tentativas de compartilhar a atenção e de aprender imitativamente através de seus cuidadores, emitindo as primeiras palavras, holofrases (oi, tchau, mais, acabou).

Os resultados indicaram que crianças de ambas as idades diminuíram o disparo de expressões faciais positivas e o direcionamento do olhar para suas mães em situações de “sinais”, nas quais as mães param de interagir com suas crianças, mantendo contato visual. Aos quatro meses de idade demonstraram expressões emocionais (positivas e negativas) e direcionaram o olhar para suas mães mais frequentemente; no entanto, aos 9 meses, os bebês diante das situações de “sinais” de suas mães, tentaram elucidar respostas das mesmas. A exposição à Língua de Sinais deve ser adquirida tão cedo quanto possível, e a criança surda deve estar exposta e interagir com pessoas fluentes, quer sejam os pais, professores ou outras pessoas surdas.

Como podemos observar, o processo de desenvolvimento cognitivo proposto por Piaget, com a forte interferência da linguagem proposta por Vygotsky tem o mesmo efeito nos dois contextos: para crianças ouvintes e para crianças surdas. Também podemos notar que a participação efetiva da mãe de bebês surdos não descarta a necessidade da mesma participação da mãe de bebês ouvintes. Ocorre que a fala oral utilizada pela criança ouvinte é equivalente através da língua de sinais, na criança surda.

A língua dos sinais para bebês

Após a descrição e análise da fundamentação teórica apresentada na seção anterior, o objetivo desta seção é direcionar nossas discussões para a língua de sinais no contexto do bebê surdo. Especificamente, discutiremos temas acerca do estímulo para o desenvolvimento da língua de sinais, justificando sua importância para o contexto do bebê surdo. Apresentaremos argumentos sobre as vantagens da língua de sinais, seguindo com uma breve história do surgimento da língua de sinais para bebês. Nesta parte os principais nomes relacionados a pesquisas sobre o tema são citados. Finalizamos a seção descrevendo acerca do momento mais propício no desenvolvimento do bebê, para responder com o uso de sinais.

Estímulo para o desenvolvimento:

A Língua dos sinais para bebês é uma ferramenta que os pais e educadores podem aprender a utilizar com as crianças para facilitar a comunicação a partir dos seis meses. Nessa idade os bebês começam a dominar o uso das suas mãos, usando-as para comunicar seus desejos, necessidades ou simplesmente para conversar. Por exemplo, eles surdos balbuciam “olo” levantando as mãos para que os peguemos nos braços.

Imagine que seu bebê é capaz de dizer-lhe o que quiser ou necessita, sem precisar brincar com as adivinhações. Quando o seu bebê chora, trate de averiguar o porquê, e como não pode decifrar, terá que utilizar o método de tentativa e erro. A língua dos sinais o ajudará a se comunicar com o seu bebê de uma maneira diferente, aproveitando as

novas habilidades que seu bebê está desenvolvendo.

Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é, o olhar fixo do bebê surdo na face da mãe/pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbucio manual, de gestos sociais e do “apontar”, são aspectos observados nessa fase.

Vantagens dos sinais:

Os sinais são gratificantes porque simplificam a comunicação e facilitam o entendimento com o seu bebê, uma vez que proporcionam um estímulo novo para o desenvolvimento físico e mental¹. A figura 1 chama a atenção para algumas vantagens dos sinais para os bebês surdos:

Figura 1: Ilustração acerca das vantagens dos sinais para bebês. **Fonte:** Nota de rodapé nº 1.



- ✓ Divertimento;
- ✓ Redução da frustração;
- ✓ Favorecimento do desenvolvimento da mão;
- ✓ Desenvolvimento da personalidade;
- ✓ Desenvolvimento da habilidade de gesticulação;
- ✓ Estímulo à leitura;

¹ Disponível em: <http://br.guiainfantil.com/materias/educacao/aprendizagem-linguagem-dos-sinais-para-os-bebes>.

- ✓ Aumento nos níveis de concentração;
- ✓ Fortalecimento das habilidades verbais;
- ✓ Desenvolvimento da autoestima;
- ✓ Promoção do vocabulário;
- ✓ Redução das frustrações e falta de entendimento;
- ✓ Despertar da consciência acerca das necessidades;
- ✓ Redução do estresse;
- ✓ Desenvolvimento da inteligência;
- ✓ Contribuição para um maior vínculo.

O surgimento da língua de sinais:

Em 1800, o linguista William Dwight Whitney (figura 2), professor da Universidade de Yale, descobriu, ao estudar uma comunidade de surdos, que os bebês inseridos nesse ambiente já conseguiam se comunicar aos seis meses de idade. Isto é, um ano mais cedo do que crianças ouvintes. Whitney (apud. Milani, 1994) afirma que:

Whitney escreveu que o indivíduo aprende sua língua quando recebe daqueles que o cercam os signos articulados que a compõem e, a partir desse ponto, formula suas próprias concepções de uma maneira concordante com esses signos. É assim que as línguas sobrevivem: se o processo de transmissão for interrompido, a língua morre².

Em 1986, o Dr. Joseph Garcia (figura 3) escreveu uma tese sobre o desenvolvimento da comunicação

² Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/37302/40022>.

através dos sinais com bebês surdos e, mais tarde, abriu uma companhia para ensinar pais ouvintes a se comunicarem através de sinais com seus bebês também ouvintes³.

Figura 2: Dr. William Dwight Whitney
Fonte: Wikipedia

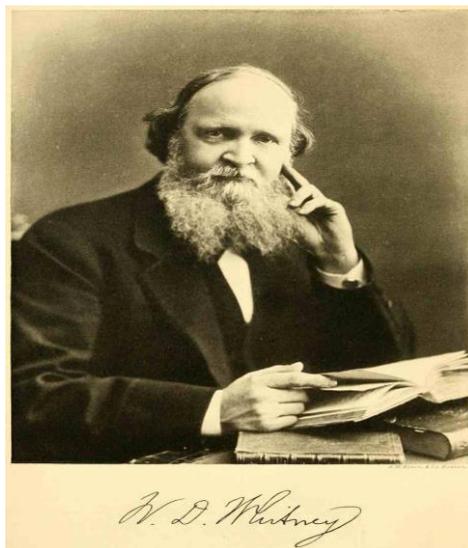
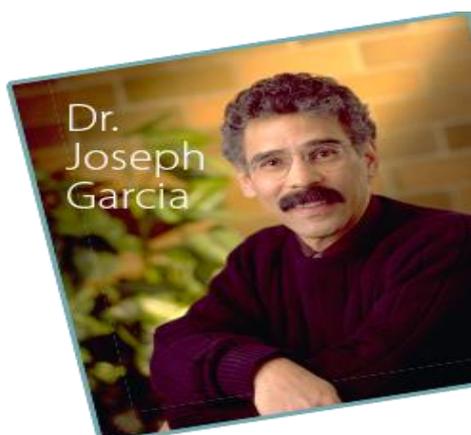


Figura 3: Dr. Joseph García
Fonte: nota de rodapé nº3



Dr. Garcia, em seus estudos, observou que os bebês de pais surdos podiam se comunicar mais facilmente do que pais que ouviam. Com efeito, por volta dos nove meses, esses bebês já utilizavam progressos avançados da língua de sinais, enquanto os outros bebês de pais que ouviam não podiam se expressar nessa idade.

Também reparou que os bebês de pais surdos aparentavam ser menos exigentes já que podiam se expressar melhor. Dessa maneira, surgiu à iniciativa do Dr. García de estudar como isso poderia beneficiar a Língua dos Sinais para pais que ouviam. Sua pesquisa com 17 famílias revelou que os bebês ouvintes podiam aprender os sinais muito facilmente, já que os bebês desenvolvem rapidamente o manejo das suas mãos. Assim surgiu o “Baby Signs⁴”. García publicou sua pesquisa em 1987, e posteriormente escreveu o livro “O Guia Completo dos Sinais do Bebê”. A missão do autor é “modelar” sinais para os bebês e que eles saibam salvaguardar os problemas de comunicação por si mesmos. Para tanto, García desenvolveu um método baseado na realização de sinais intuitivos.

Outra fonte de consulta importante de estudos sobre o tema, são os trabalhos desenvolvidos por Acredolo e Goodwyn (2000). No final dos anos oitenta, a professora Linda Acredolo (figura 4), da Universidade da Califórnia, notou sua filha fazendo sinais rudimentares. Trabalhando com sua parceira de pesquisa, professora Susan Goodwyn (ibid. figura 4), o par começou a ensinar à bebê sinais mais formais. A dupla deu continuidade aos estudos sobre língua de sinais por mais de vinte anos⁵.

³ Disponível em:
<http://doutissima.com.br/2015/05/20/use-linguagem-dos-sinais-para-se-comunicar-com-o-bebe-14699218>.

⁴Traduzindo: Sinais para Bebês.

⁵ Disponível em:
<http://www.babysignlanguage.com/basics/history>.

Figura 4: Professoras Acredolo e Goodwyn
Fonte: Nota de rodapé nº 3



O momento da resposta por meio de sinais:

A idade típica para que um bebê comece a se comunicar através dos sinais deve ser entre os 10 e 14 meses. Mas isso depende de cada bebê, já que cada bebê é um mundo, como se pode dizer. Alguns terão mais vontade de se comunicar que outros, mas também depende da constância com que os pais trabalham com os sinais com seus bebês. Lembre-se que o bebê não estará capacitado para responder até os 6/8 meses, por isso quando começar muito cedo, seu bebê ainda não terá respostas. Mas uma vez que faça seus primeiros sinais, os demais virão atrás.

Fundamentos metodológicos da pesquisa:

Cumprindo as descrições e análises apresentadas nas seções anteriores, faz-se necessário a aplicação de uma entrevista semiestruturada⁶ (Rosa e Arnoldi, 2006) a fim de aprofundar as questões discutidas e esclarecer algum problema observado ao longo do estudo anterior.

⁶ Neste tipo de entrevista as questões são formuladas de forma a permitir que o sujeito entrevistado discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados.

Assim, propomos como objetivo geral desta etapa, analisar a qualidade da interação de díades de mães ouvintes e filhos surdos em 3 (três) situações específicas (brincadeira, narração de história e conversação por meio de fotos), investigando a escolha dos modos comunicativos usados pela mãe, e as características do discurso materno.

Como objetivos específicos, destacam-se:

- ✓ Descrever os modos comunicativos predominantes das mães durante a interação;
- ✓ Investigar a comunicação em Libras;
- ✓ Investigar a brincadeira em Libras;
- ✓ Investigar a imagem visual;
- ✓ Investigar a relação Mãe/Filho(a);
- ✓ Analisar o uso de vídeos de desenho em Libras.

Especificamente, para a realização deste trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa⁷. Segundo Gil (2002, p.44), a pesquisa bibliográfica é “desenvolvida com base em material já elaborado”. Neste tipo de estudo busca-se informações, principalmente, em livros, artigos e revistas, materiais, que subsidiem as reflexões do autor sobre o tema.

As entrevistas:

Considerando os pressupostos da pesquisa qualitativa citados acima, em datas previamente agendadas, foram realizadas entrevistas com as mães (Apêndices A, B e C) e com a díade (Apêndice D) na casa de origem da criança, em horários convenientes

⁷ Neste tipo de abordagem, o foco da investigação deve se centrar na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações (André, 1998).

para todos os envolvidos (casa, mãe, criança e pesquisador).

A entrevista envolveu perguntas relacionadas ao histórico da criança e dados referentes à mãe, para registro de informações dos participantes da pesquisa. Foi realizada com as díades mães ouvintes ou surdas e filhos surdos interagindo em três situações de comunicação, sendo proposto um tempo de 5 minutos para cada atividade (brincadeira, história e foto). As mães e seus filhos foram orientados a sentar no chão, próximos um do outro e diante do material fornecido pelo pesquisador. A partir das entrevistas foi produzida a análise de dados, de acordo com as referências pesquisadas sobre a temática.

Considerações Finais:

A família é o núcleo social primeiro de interação de uma criança com a sociedade. É nela que aprendemos valores e princípios; onde construímos a base de nossa personalidade. É indiscutível a importância da família no desenvolvimento e formação de crianças e adolescentes. Assim, ao eger a perspectiva enunciativo-discursiva de Piaget para analisar as interações entre a família e a criança surda; ou família surda e a criança ouvinte, todo o trabalho voltou-se à dimensão ativa da linguagem nesse contexto.

Ao longo dos encontros, foi possível observar as implicações profundas que as relações familiares e os aspectos subjetivos da família com o sujeito surdo têm sobre a língua e sobre o conseqüente desempenho da criança. Assim, esse estudo vem confirmar que a surdez de uma criança dentro do lar pode ser traumática para os pais ouvintes e conseqüentemente

causar grande impacto no sistema familiar, rompendo-se as expectativas e alterando o relacionamento afetivo, social e a comunicação da família.

Assim, a criança surda pode apresentar dificuldades para ouvir sons da fala, mas pode sentir a música através das vibrações do seu corpo. A língua de sinais apresenta-se como uma efetiva opção de comunicação. Nesse sentido, o estudo vem demonstrar que o impacto no sistema familiar altera o relacionamento afetivo, social e a comunicação da família e conseqüentemente as inter-relações entre os familiares e a criança surda. A dificuldade de comunicação com a criança surda passa a ser um fator preocupante para os pais, resultando na insegurança e na dúvida.

A questão da língua a ser usada é imprecisa e esta insegurança culmina na utilização de uma mescla entre a língua portuguesa e gestos ou mímicas, tornando extremamente pobre a comunicação entre os sujeitos. Percebe-se que a criança surda, na ausência de uma língua em comum com a família, fica impossibilitada de acompanhar a maioria das conversas partilhadas por esta. Nesse sentido, a imagem inicial, após o diagnóstico confirmado da surdez, reforça que seus filhos serão surdos (Boscolo e Santos, 2005).

Em termos gerais, pode-se dizer então que os primeiros sinais ou as primeiras palavras aparecem entre os 10 meses e o 1º ano de idade. Estudos de aquisição da linguagem de crianças surdas com pais surdos têm mostrado que elas inicialmente balbuciam com as mãos, começam então a produzir enunciados com um único sinal e, em seguida, combinam sinais formando sentenças simples. Pontua a importância que o surdo seja precocemente estimulado pela

LIBRAS, assim terá a possibilidade de adquirir, através dela, pré-requisitos, como por exemplo: um vocabulário amplo, vivências e facilidades de socialização e interação que com certeza facilitará o aprendizado da escrita, ou seja, a língua portuguesa na modalidade escrita.

Portanto, partindo da premissa que seu filho é surdo, a comunicação parental muitas vezes sofre diminuição de contato verbal ou até de um contato comunicacional verbal, porém, com a agravante anulação do gestual. Submetidas a uma comunicação de difícil compreensão, na ausência de interlocutores capazes de interpretar eficazmente e atribuir sentido a essas manifestações de linguagem, as crianças surdas são impedidas de um desenvolvimento pleno na língua dos seus grupos de convivência. Este contexto lhes impõe dificuldades interacionais, cognitivas, linguísticas e educacionais (Araújo e Lacerda, 2010). É importante refletir sobre as concepções de linguagem disseminadas socialmente, uma vez que têm um impacto profundo nas reações e nas possibilidades destes pais diante de toda uma comunicação e partilham de conhecimentos, valores, crenças e ideias sobre as coisas do mundo.

Conclusões

Este estudo teve como objetivo principal analisar a qualidade da interação de díades de mães ouvintes e filhos surdos em diferentes situações. A escolha do tema justificase frente ao desconhecimento e despreparo apresentado pela sociedade, no processo de inclusão de crianças surdas, que podem repercutir em sérias sequelas em nível cognitivo, afetivo e emocional.

Inicialmente apresenta-se uma descrição dos fundamentos firmados por Piaget com relação aos estágios de desenvolvimento mental da criança. O papel da linguagem proposto por Vygotsky é ressaltado e discutido dentro do contexto da criança surda, salientando que o desenvolvimento mental se dá em ambos contextos, desde que a criança não apresente problemas internos graves que a impeçam de evoluir mentalmente.

Na sequência são descritas particularidades com relação ao desenvolvimento da língua de sinais no bebê surdo, desde sua importância, suas vantagens e o momento em que começam a aprender esta língua. O ponto chave nesta discussão é o processo histórico do surgimento dos estudos referentes ao desenvolvimento da linguagem de sinais em bebês surdos.

Após toda a reflexão teórica discutida e analisada nas seções iniciais, apresentam-se os fundamentos metodológicos adotados na pesquisa. A abordagem qualitativa (Gil, 2004) foi escolhida para análise bibliográfica apresentada ao longo do texto. Também salienta-se que na pesquisa qualitativa (André, 1998) o pesquisador está mais preocupado com o processo do estudo, com os significados atribuídos pelos sujeitos, do que com um resultado final isento de concepções pessoais e sociais.

O trabalho é finalizado com a aplicação e análise de uma entrevista semiestruturada (Rosa e Arnoldi, 2006) com a intenção de esclarecer fatos observados ao longo da fundamentação teórica descrita e analisada. O público alvo das entrevistas foram mães ouvintes ou surdas e filhos surdos. Dentre as conclusões do trabalho destacam-se as implicações profundas que as relações familiares e os aspectos

subjetivos da família com o sujeito surdo têm sobre a língua e sobre o conseqüente desempenho da criança. O estudo confirma que a surdez de uma criança dentro do lar pode ser traumática para os pais ouvintes e conseqüentemente causar grande impacto no sistema familiar, rompendo-se as expectativas e alterando o relacionamento afetivo, social e a comunicação da família.

Não menos importante, conclui-se também o quão é importante um embasamento teórico e metodológico em pesquisas deste nível, com bons instrumentos de coleta de dados, validados e fidedignos no contexto da pesquisa qualitativa. Acredita-se que os resultados da pesquisa apresentada podem levantar reflexões em torno do desenvolvimento cognitivo de crianças surdas, desde a fase de bebê até a vida adulta.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. Editora Papirus. 2ª Edição, Campinas, SP. 1998.
- ARAÚJO, C. C. M., & Lacerda, C. B. F. **Linguagem e desenho no desenvolvimento da criança surda: implicações histórico-culturais**. Revista Psicologia em Estudo, 2010, 15(4), 695-703
- BOSCOLO, C. C., & Santos, T. M. M. **A deficiência auditiva e a família: sentimentos e expectativas de um grupo de pais e de crianças com deficiência de audição**. Distúrbios da Comunicação, 2005, 17(1), 69-75.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Altas, 2002.
- GOODWYN, Susan W.; ACREDOLO, Linda; BROWN, Catherine. **Impacto da Gesticulação Simbólica no Desenvolvimento Linguístico Precoce**. Journal of Nonverbal Behavior, 2000, 24, 81-103.
- MILANI, Sebastião Elias. **As ideias linguísticas de Wilhelm von Humboldt**. FFLCH/ USP, São Paulo, 1994. Dissertação de Mestrado.
- PIAGET, Jean, 1896-1980. **Epistemologia genética** / Jean Piaget: tradução Álvaro Cabral- 3ªed.- São Paulo: Martins Fontes, 2007 – (Psicologia e pedagogia).
- PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro, RJ. 24ª Edição Revista, 2007.
- ROSA, V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Mecanismos para Validação dos Resultados**. Editora Autêntica, Belo Horizonte, MG, 2006.
- TOMASELLO, M. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano**, São Paulo: Martins Fontes, 342 p.
- VILLAAMIL, María Algueró Pérez de. **A linguagem dos Sinais para bebês**. Disponível em: <<http://br.guiainfantil.com/materias/educacao/aprendizagem-linguagem-dos-sinais-para-os-bebes/>>. Acesso em: 24 nov.2015
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**, São Paulo: Martins Fontes, 194p, 2005.